

19-11-2020

BRUXAS DO MUNDO, UNI-VOS!**Ana Carolina de Oliveira Marques**

[Presidenta da Assoc. Geógrafos Brasileiros – Seç. Goiania, Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino, Prof. Univ. Est. Goiás, Grupo “Espaço, Sujeito e Existências/IESA-UFG]

Iniciamos, no dia 12 de novembro, o grupo internacional de estudos [feministas] do livro **CALIBÁ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA**, de Silvia Federici. Participam feministas de variados gêneros, cor/raça, idade, nacionalidade, níveis de escolaridade. O projeto idealizado pela mestrandia Ádila Brindel, sela a parceria do departamento de “Gênero e Diversidade” da *Friedrich Alexander Universität* (Alemanha) com a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) da Seção Goiânia e o núcleo de pesquisa “Espaço, Sujeito e Existência” (Dona Alzira – UFG/CNPq). Compartilho, nesta coluna, fragmentos do texto de animação do nosso primeiro encontro, no qual convocamos as reflexões de Federici para pensar acontecimentos recentes no Brasil, em especial o caso Mariana Ferrer, de grande repercussão na mídia. Mariana Ferrer: brasileira, trabalhadora, estuprada aos 21 anos em um *beach club* em Florianópolis, região sul do Brasil. O estupro, empresário, na ocasião acompanhado por ninguém menos que um membro da família Marinho, proprietária da rede Globo. O julgamento virtual, cujas cenas foram divulgadas pelo *site “The Intercept”*, guarda semelhanças com as sessões públicas dos séculos XVI e XVII, no contexto da Caça às Bruxas, do qual nos fala Silvia Federici. Mari Ferrer foi humilhada publicamente com posturas misóginas do advogado de defesa e por um juiz “omisso”, por isso, conivente. Aliás, vale lembrar que a fusão das figuras de juiz e acusador, fora um dos traços da Inquisição. Com provas cabais de que era virgem e do abalo emocional que o estupro lhe causou, Mari Ferrer foi acusada – na fogueira virtual – de arquitetar um golpe com fins financeiros. Seu modo de vestir, sua aparência e desenvoltura tornaram-se “provas” do seu “desvio de caráter”. Ao desferir ofensas contra Mari Ferrer, o advogado traçava os contornos de uma identidade feminina submissa, moral e humanamente inferior, ao mesmo tempo ameaçadora, perigosa, indisciplinada, bestial – à semelhança das bruxas. “Não adianta vir com esse teu choro dissimulado, falso e essa lábia de crocodilo”, disse o advogado Cláudio Gastão da Rosa Filho. A sentença judicial, sem precedentes na legislação brasileira, inaugura o delito “estupro culposo”: reconhece-se o estupro de vulnerável e absolve-se o estupro. Esta afronta, nos dias atuais, às leis que amparam os direitos humanos, nos chama atenção para a fragilidade dos parâmetros éticos e morais sob os quais orientamos nossas ações, maior parte deles conquistados com sangue pelos movimentos sociais.

Silvia Federici, em seu livro, nos conta como a descriminalização do estupro, na Europa no final do séc. XV, foi um importante mecanismo de pacificação de

revoltas populares, desarticulação da classe trabalhadora e fundação de uma nova ordem patriarcal, misógina, forjando um imaginário social favorável às atrocidades que logo viriam: a caça às bruxas. Escolhemos o caso Mari Ferrer como chave de entrada neste texto que nos (re)apresenta um passado presente. Resultado de uma rigorosa revisão bibliográfica e documental, a autora destaca os deslocamentos dos marcos identitários, do valor do trabalho, do lugar social das mulheres, empreendidos por um capitalismo nascente. Silva remonta às relações comunitárias nas sociedades medievais, de forma não romantizada (é bom destacar isto), reconstruindo em sua narrativa um esqueleto social destruído pelo projeto societário capitalista. Nesse empreendimento, localiza as mulheres camponesas como guardiãs do conhecimento medicinal, âncoras de uma rede de sociabilidade e solidariedade, senhoras de sua reprodução, e de papel reconhecido na subsistência do campesinato feudal.

Ao enfatizar a divisão sexual do trabalho - acentuada pelo capitalismo - como ferramenta de opressão das mulheres, ocultamento da produção da força de trabalho e fragmentação da classe trabalhadora, Federici defende a legitimidade da categoria “mulher” e a necessidade de transcendermos a dicotomia entre o patriarcado e a classe. No primeiro capítulo, intitulado “O mundo precisa de uma sacudida”, a autora desmascara as estratégias de desmonte das relações comunitárias e do uso comunal da terra no mundo feudal. Contextualiza a crescente migração camponesa, a interferência da Igreja e a ebulição dos movimentos sociais no século XIII, com destaque aos movimentos milenaristas e hereges. Duramente perseguidos, os hereges são apontados por Silvia Federici como a semente que faria germinar, nos séculos seguintes, a figura da bruxa. A grande fome de 1315, a Peste Negra e a crise do trabalho que debilitou a disciplina social na Europa no século XIV, implicaram uma mudança drástica no controle da reprodução, tomada como questão de Estado. A legalização do estupro e a institucionalização da prostituição foram algumas das ações para enfraquecer as práticas sexuais apregoadas pelas hereges e retirar das mulheres o controle sobre a reprodução. Põe-se em marcha a contrarrevolução. Em síntese, três fenômenos basilares da investigação de Silvia, mencionados no primeiro capítulo, não podemos perder de vista durante toda a leitura do livro. São eles: 1. A divisão sexual do trabalho; 2. A construção de uma nova ordem patriarcal; 3. A mecanização do corpo proletário. Nos próximos textos, adentraremos os séculos de horror e violência nos quais a mulher, enquanto símbolo de resistência, autonomia e comunhão, foi duramente atacada. Convidamos, bruxas e bruxos deste blog, a se juntarem a nós na discussão deste livro que inaugurou uma história contada sob a perspectiva daquelas que jamais acreditaram no “progresso” do capitalismo rumo à emancipação social. ■■■

OBS: Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.